COMENTÁRIOS

CANA-DE-AÇÚCAR

Gravosidade aumenta

As previsões, no início do ano, quanto ao desempenho do mercado externo do açúcar, não indicavam maiores possibilidades de uma significativa recuperação dos preços. Quando muito, acreditava-se que as cotações haviam atingido seu patamar inferior – US¢ 11 e 12/lb-peso – e que, portanto, dificilmente os preços continuariam caindo. O restabelecimento do comércio açucareiro a níveis compensadores para os países exportadores poderia acontecer no segundo semestre, quando seriam conhecidos os primeiros resultados da safra em curso (1982/83).

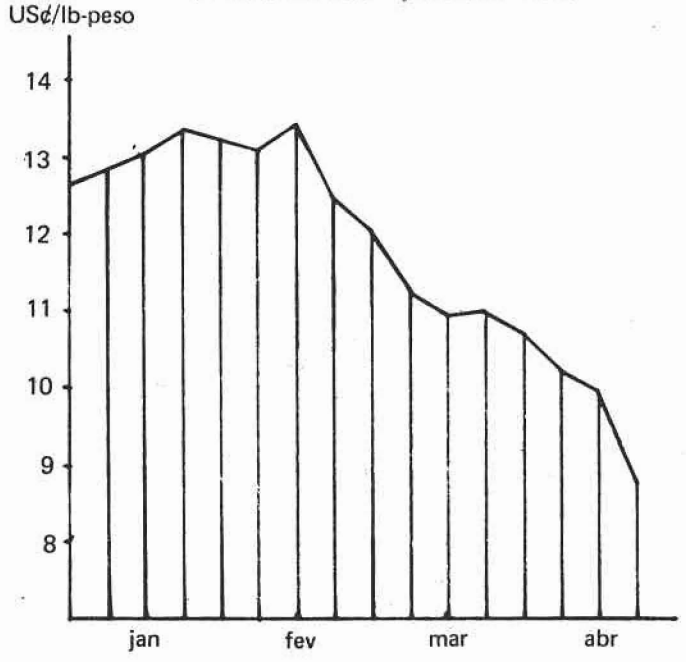
Contudo, mesmo estas cautelosas previsões vêm sendo desmentidas, nos primeiros quatro meses do ano, pela contínua tendência ao decréscimo das cotações. O Gráfico 1, que apresenta a média semanal do preço do açúcar negociado na Bolsa de Nova Iorque, evidencia a trajetória declinante das cotações, que ao final de abril chegou a US¢ 8/lb-peso, ou seja, o mais baixo nível dos últimos três anos.

O excesso de oferta mundial, resultante da safra 1981/82, constituiu-se certamente no principal fator responsável pela atual deterioração do mercado. Os últimos prognósticos desta safra indicam uma diferença entre oferta e procura ainda maior do que a anteriormente prevista. A corretora londrina C. Czarnikow, em seu mais recente relatório, calcula o estoque final em 31 milhões de toneladas, com uma produção de 96,25 milhões de toneladas e o consumo em 90,5 milhões de toneladas.

Quanto às previsões para o próximo período, as atenções voltam-se especialmente para o desempenho da safra européia de beterraba. A corretora F. O. Licht antevê uma queda de 0,2% na área plantada de beterraba em toda a Europa. A redução de plantio mais pronunciada seria na Comunidade Econômica Européia, prevista em 7,4%. A União Soviética, por seu turno, manteria a mesma área de 3,72 milhões de hectares, para o cultivo da beterraba. Isto significaria, ainda segundo a corretora, uma produção de 12,4 milhões de toneladas para

GRÁFICO 1

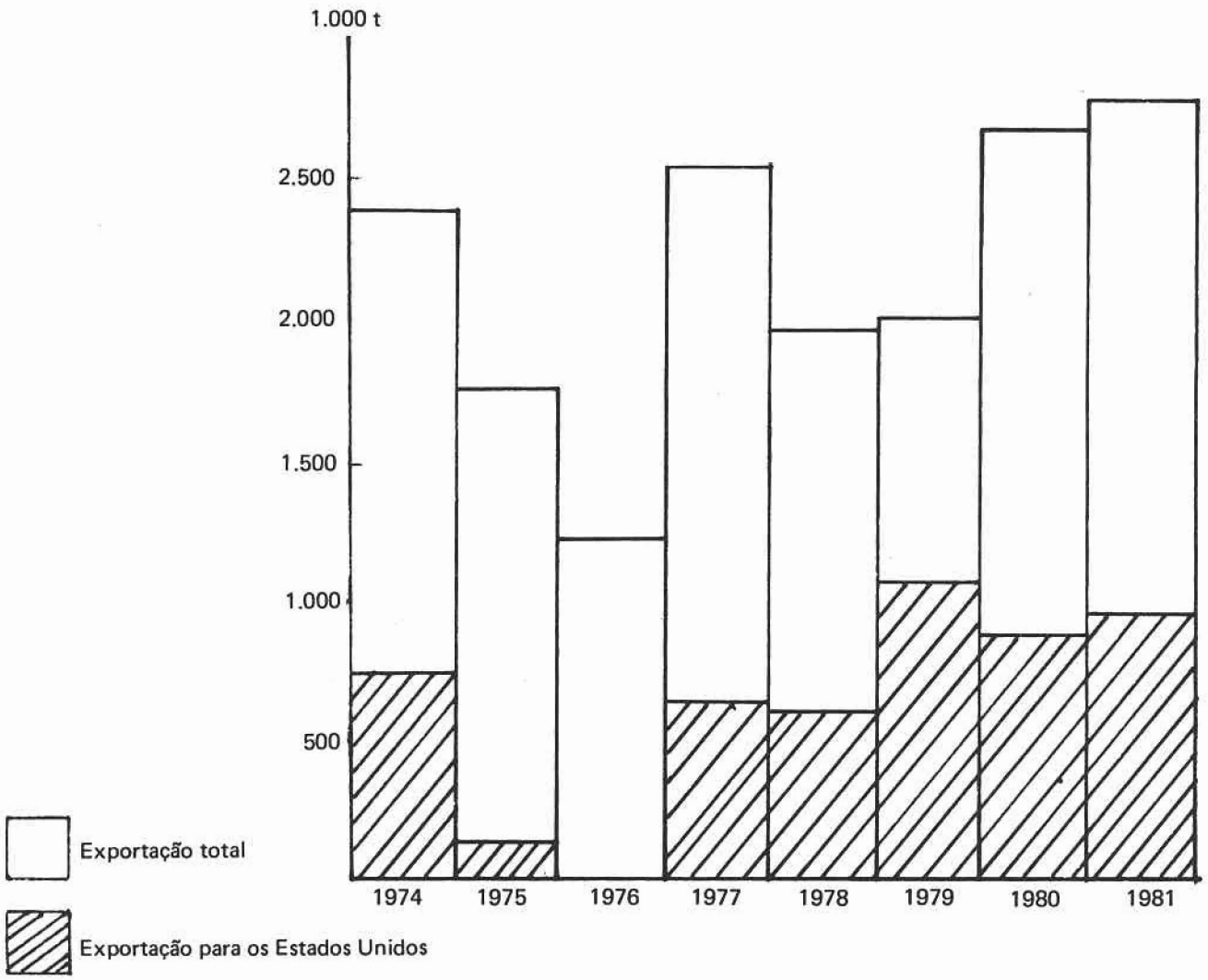
AÇÚCAR – Cotações do Disponível na Bolsa de Nova Iorque – (Contrato nº 11) – jan/abr. de 1982



FONTE: UNICOM

GRÁFICO 2

BRASIL – Exportação de Açúcar – 1974-81



FONTE: CACEX.

os países membros da Comunidade (16 milhões de toneladas em 1981/82), totalizando a produção européia 29,5 milhões de toneladas, ou seja, 2 milhões de toneladas a menos do volume obtido na presente safra. Estas previsões, caso confirmadas, poderão representar uma tendência à reversão do atual quadro de folga da oferta mundial do açúcar. Entretanto, tais previsões poderão ter seus efeitos reduzidos, diante da provável performance de alguns dos maiores produtores de açúcar de cana. Este parece ser o caso da Índia e Tailândia, que vêm recuperando suas posições no mercado exportador. Cuba, por sua vez, superou o problema de "ferrugem" em seus canaviais e volta a almejar uma safra de 10 milhões de toneladas de açúcar, enquanto que o Brasil deverá anunciar, em seu próximo Plano de Safra, uma produção de 9 milhões de toneladas de açúcar, ou seja, o maior volume já produzido no país.

Em decorrência dessas previsões, os preços não demonstraram até o momento, qualquer capacidade de reação. Ao contrário, uma vez comprovada a completa falta de eficácia do Acordo Internacional do Açúcar, que tem como maior problema a ausência dos países da CEE como seus signatários, o mercado vem sofrendo a influência negativa da atual política protecionista norte-americana.

As medidas tomadas pelos Estados Unidos, com o objetivo de defender os produtores internos da instabilidade do mercado, vêm representando uma ameaça concreta aos tradicionais países fornecedores de açúcar ao mercado norte-americano. Como conseqüência da queda de preços no mercado externo, o Departamento de Agricultura norte-americano fixou taxas de importação de US¢ 4,0703/lb-peso para o açúcar demerara e US¢ 5,1782/lb-peso para o açúcar refinado, visando, com isto, sustentar o preço no mercado interno e evitar um volume de importação nocivo aos interesses dos produtores domésticos. Entretanto, pela atual legislação, o governo fica impedido de estabelecer uma taxação superior em 50% ao preço do açúcar no disponível. Com a cotação em torno de US¢ 9/lb-peso, a atual política de taxações do açúcar importado estaria inviabilizada. Diante disto, a única alternativa que se apresentou ao governo dos Estados Unidos, para manutenção de sua política protecionista, foi a fixação de um plano de quotas de importação, que, em princípio, vigorará até o final de junho. Qualquer embarque após 23 de abril já estará enquadrado dentro do sistema de quotas. De acordo com este plano, coube ao Brasil uma quota de 28,9 mil toneladas. Para o segundo semestre espera-se a fixação de um novo plano de quotas, quando então o Brasil poderá ser contemplado com uma parcela maior do volume, a ser importado pelos Estados Unidos. Isto porque o país irá dispor, naquele período, de uma maior quantidade de açúcar para ser exportado. Ainda assim, o Brasil, que em 1981 exportou aproximadamente 900 mil toneladas de açúcar para os Estados Unidos, aparece como um dos países mais atingidos pelo protecionismo norte-americano. Observa-se, no Gráfico 2, que, nos últimos oito anos, a participação dos Estados Unidos como importador do açúcar brasileiro, via de regra, sempre correspondeu a algo em torno de 30% do total comercializado pelo país para o exterior. Assim sendo, as medidas restritivas adotadas pelo governo norte-americano, seja pela fixação de quotas ou pela taxação do açúcar importanto, criarão dificuldades para a realização das exportações brasileiras.

A conjuntura baixista dos preços no mercado internacional, por sua vez, compromete a rentabilidade das vendas do produto para o exterior. A análise comparativa do desempenho das exportações brasileiras de açúcar no primeiro trimestre deste ano e em igual período do ano passado (ver Quadro 1), indica um maior volume de açúcar embarcado, no presente ano. Além disso, o valor das exportações do primeiro trimestre de 1982 foi bastante inferior ao resultado obtido nos primeiros três meses de 1981.

Em relação ao preço médio por tonelada, observa-se uma vantagem do primeiro trimestre de 1981 sobre igual período do ano atual de 95% para o tipo demerara, 102% para o cristal e 119% para o refinado.

As baixas cotações do produto vêm tendo seus efeitos atenuados pela existência de contratos de longo prazo efetivados no final de 1980, quando

QUADRO 1

BRASIL – Exportações de Açúcar – 1º Trimestre de 1981 e 1º Trimestre de 1982

Tipo	Primeiro Trimestre de 1981			Primeiro Trimestre de 1982		
	Tonelada	US$ 1.000 FOB	Preço Médio	Tonelada	US$ 1.000 FOB	Preço Médio
Demerara	316.815	191.155	603,4	207.494	64.211	309,5
Cristal	27.602	18.220	660,1	21.625	7.055	326,2
Refinado	161.331	114.325	708,6	182.257	58.897	323,2
TOTAL	–	323.700	–	–	130.163	–

FONTE: CACEX.

os preços do açúcar ainda se apresentavam elevados. Como tais contratos previam um preço de venda pré-fixado, a queda das cotações afetou menos duramente do que poderia ter ocorrido. Entretanto, os contratos de venda de açúcar, aos preços atuais, mostram-se gravosos, já que o custo interno do produto (FOB) fica entre US$ 250 e US$ 260 por tonelada, enquanto que o preço médio em abril foi de US$ 214 por tonelada. Neste sentido, as cotações atuais do produto suscitam grandes apreensões, não só quanto à contribuição em divisas que o açúcar poderá dar às exportações brasileiras no corrente ano como, também, no tocante ao montante de recursos governamentais necessários para viabilizar as exportações brasileiras.

GRÃOS FORRAGEIROS

Produção recorde norte-americana

De acordo com recente relatório do Departamento de Agricultura dos EUA, a produção de grãos forrageiros daquele país, no ano-safra 1981/82, deverá registrar o recorde de 248,4 milhões de t (4,3% acima do volume obtido em 1979/80 e 25,5% maior do que a safra 1980/81). Esse volume, adicionado ao estoque inicial de cerca de 35 milhões de t, representará uma oferta total de pouco mais de 283 milhões de t, na qual a participação do milho será da ordem de 83,5%, uma vez que também a produção desse cereal (208 milhões de t) foi recorde naquele país.

No entanto, o acirramento da crise econômica, ano passado, tendo importado em redução do poder de compra dos consumidores norte-americanos, fez-se sentir especialmente sobre o consumo de proteínas animais, o que justifica a significativa contração registrada na demanda interna por grãos forrageiros. É por esta razão que o estoque final (da temporada 1981/82) destes produtos pode vir a alcançar perto de 63 milhões de t, ou seja, 82,1% a mais do que a posição de um ano antes. No caso do milho, especificamente, o estoque final deverá ser de 50,2 milhões de t, quase o dobro de um ano antes (ver Quadro 1).

Não só o crescimento do reba-